

CAPÍTULO I

A PERSONALIDADE DE SILVA JARDIM

Aos 18 de agosto de 1860, em Capivari de Cima, então pertencente à paróquia de Nossa Senhora da Lapa, Município de Capivari, Comarca do Rio Bonito, na Província do Rio de Janeiro, nascia o menino Antonio da Silva Jardim, filho dos pequenos lavradores Gabriel da Silva e de Felismina Leopoldina de Mendonça Jardim.

De ascendência genuinamente brasileira, pois suas famílias, entrelaçadas, pertenciam a São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, desde muito cedo iria demonstrar este “nativismo”¹ em todas as suas ações, sentimento este que com ele continuaria à medida que seus conhecimentos filosóficos, literários e espirituais evoluíssem; pela sua origem modesta e pela falta de recursos que por longos e penosos anos teve que enfrentar, observamos que esta sua “fé” inabalável na “pátria” e sua força ferrenha para que os homens viessem a se aperceber disto, sempre persistiu, dentro daquela circunspeção que o caracterizava. Porém, há-de se notar igualmente, que o culto à “Família” é uma outra acentuada característica desta personalidade que, ao mesmo tempo grave, é humorística, simples e metódica, homem de caráter enfim, pois, deixando de lado gastos supérfluos de vida pessoal, procurando auxiliar a subsistência de sua família, ao mesmo tempo que se impunha, e isto desde muito jovem, a hábitos de estudo, já que ele próprio se declarava com um grande amor às letras, demonstrando que o “amor às letras não é questão do hábito, mas, sim, uma lei inata, diante da qual o homem não pode fugir”.²

Por outro lado, notamos em uma de suas afirmações o seu verdadeiro estado d'alma:

“É na mocidade que o homem é realmente homem. Todas as energias para o sofrimento, todas as audácias empreendedoras, todos os impulsos cavalheirescos e dignos, todo o frescor da inteligência, toda a disposição para o trabalho, concentram-se nesta quadra excepcional da existência, em que se aprende a rir da fome, a encarar com afronta a miséria, e a vencer os obstáculos, pela noite alta, à luz do candieiro,

(1) Nativismo foi aqui empregado na sua mais simples concepção: “de amor à terra natal” (n. do a.).

(2) JARDIM, Antonio da Silva — Carta de 30 de outubro de 1876. Apud José Leão — Apontamentos para a Biografia do Ilustre Propagandista, Hauridos nas Informações Paternas e Dados Particulares e Oficiais. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1895, pág. 31.

iluminados pela estrela do futuro, para sempre resplandecente no horizonte da vida".³

Sua precocidade foi notória desde a primeira infância, pois, aos onze meses de idade já balbuciava as primeiras palavras e caminhava seus primeiros passos, e, com apenas seis anos possuía um desenvolvimento moral e religioso superior às crianças de sua idade.

À medida que vai amadurecendo, vamos observando nos seus primeiros artigos em "jornaizinhos" uma atitude crítica e reformuladora, fora do comum, a tal ponto que iria merecer repreensões de seu pai que temia por esta atitude, criticando-a e julgando suas publicações "exaltadas" e "acriançoladas". Contava, então, dezesseis anos, e, respondendo ao pai, dizia:

"... os meus escritos são todos literários como os que publiquei no *Labarum* sobre Galicismos e Tiradentes. Quererá referir-se a este último? Eu creio que não será crime manifestar alguém suas idéias, desde que não ofenda a pessoa alguma.

O homem tem liberdade de pensar, diz o Padre Barbe.

As idéias que expendo sobre Tiradentes nada têm de exaltadinhas, pois ninguém pode deixar de concordar com elas. Fala-se aí de relance sobre o absolutismo... e quem o deseja?

Quem não quer liberdade?

Também não tem nada de acriançoladas, porque muitos anciãos as seguem. Quanto a comprometer-me, não creia.

Antes assim fosse, porque era isso uma prova de que ligavam apreço à minha pessoa.

Era minha intenção concluir o estudo sobre Tiradentes, no qual, pretendia mesmo ganhar algum dinheiro; mas, à vista de semelhante proibição, não o farei.

As idéias que tenho a aditar são consentâneas à maneira por que principiei o trabalho e não posso modificá-las. A todos devemos o respeito e veneração, mas a ninguém o sacrifício de nossa consciência. As idéias expendidas são filhas da civilização; quem atualmente fizer obras que tenham o cunho dos séculos XV ou XVI, esteja certo de que nada conseguirá! Por conseguinte, não tenho receio de haver escrito coisa alguma que me possa comprometer.

É verdade que quem me ler sabe logo quais são minhas crenças políticas, mas terei sempre muito prazer nisso, porque não necessito ocultá-las".⁴

Realmente esta resposta veio em razão de um trabalho realizado sobre Tiradentes, onde Silva Jardim fazia toda uma demonstração de sua vida intelectual e de seus conceitos básicos; assim,

(3) JARDIM, Antonio da Silva — *Memórias e Viagens*, pág. 177.

(4) Cf. LEÃO, José, op. cit., pág. 22.

considerava o Indivíduo uma abstracção necessária ao estudo social; a Sociedade, um vasto e poderoso organismo; a Família, um ser real e coletivo, a Pátria, ente que nasce filha dos próprios filhos. Assim, todo homem, em sua concepção, seria digno de incorporar-se à Pátria, desde que bom cidadão, o que lhe é, antes de mais nada, um dever, e de uma maneira muito fácil isso seria conseguido: bastando-lhe amar a própria terra, ao mesmo tempo que mantendo o culto dos grandes mortos pela Liberdade.

Sua grande vocação ao magistério, que desde cedo é manifestada, leva-o, em 1881, a dedicar-se totalmente a ele, regendo a cadeira da Escola anexa à Normal, onde propagava o "Método João de Deus"⁵ para o ensino da língua materna; aliás, foi ele o primeiro professor do Estado de São Paulo a utilizar esse método de palavrção para o ensino da leitura, tornando-o conhecido através de conferências realizadas em diferentes cidades desse Estado.

Foi em companhia do grande educador João Kopke que criou em janeiro de 1884 o primeiro estabelecimento de ensino primário-modelo, a que chamou "Escola Neutralidade".

Apologista do método João de Deus, leva igualmente sua palavra à Província do Espírito Santo, em Vitória, em Junho de 1882, realizando sete conferências e com lições diárias sobre o referido método, obtendo bons resultados. É bem provável mesmo que Silva Jardim tenha feito parte de uma comissão para a reforma programática do ensino, cuja proposição básica era uma escola bastante ativa e cujo decreto-resolução é de 15 de setembro de 1882, referindo-se o mesmo que esta reforma fora elaborada por uma comissão assaz competente, e de acordo com os princípios pedagógicos da época.⁶

Em 1883, prestando concurso para a cadeira de Língua Portuguesa na Escola Normal, é nomeado lente, regendo-a cerca de três anos, com ótimos resultados, quando então deixa esse posto, para residir em Santos (1886), abrindo banca de advocacia em companhia de seu cunhado Dr. Martim Francisco Filho.

Mas, a vocação de mestre acompanha-o, pois, observando que Santos, tão adiantada comercialmente, não possuía sequer um

(5) João de Deus pretendia aprefeioar o estilo de seus discípulos, que a seu ver tinham uma linguagem cheia de vícios, e, para tanto propunha que as primeiras lições fossem apenas de conversa sobre objetos familiares aos alunos; a seguir, a formação de pequenas frases com as próprias palavras do livro de leitura adotado, que deveriam ser apenas insinuadas pelo professor, mas formuladas pelas crianças, para então depois passarem à descrição de objetos, narrações de casos, redacção de cartas, etc. A fonologia, deveria, pois, aparecer só após estas etapas terem sido cumpridas bem como todas as demais partes em que se divide a Gramática Portuguesa, no que Silva Jardim plenamente concordava, já que para ele a gramática era "a linguagem falada em regra".

(6) OLIVEIRA, José Feliciano de — *O Ensino em São Paulo. Algumas Reminiscências*, São Paulo, Tipografia Siqueira, 1932, pág. 30.

estabelecimento de ensino, que correspondesse realmente às suas necessidades, funda a “Escola José Bonifácio”, apoiada nos moldes do ensino intuitivo, e abrangendo dois cursos: o primário e o secundário.

Observa-se que no período de 1890 a 1895 essas preocupações de reformas escolares vão prosseguir, em decorrência da fragilidade e inoperância da instrução pública dada no período monárquico, embora ficassem apenas ainda na teoria, e isto mesmo em São Paulo, apesar dos regulamentos e regimentos de 1877 e 1888, porque na prática, como nos dizia Júlio Ribeiro, na *Procellaria* era uma lástima⁷, sendo sua afirmação confirmada também pelo *Diário Popular*, na publicação serial “O Novo Regimen”⁸.

Ao lado dessa vocação, que diríamos mesmo inata em Silva Jardim ao magistério, segue-lhe de perto e desde muito cedo mesmo, sua grande preocupação com a propaganda política, em verdade maior do que propriamente com a atividade literária, e neste sentido, igualmente, observamos que era um dos motivos pelos quais Silva Jardim não era bem visto pelos estudantes das Arcadas, enquanto que era aplaudidíssimo pelos do Rio Grande do Sul, bem como pelos de Pernambuco, e pelo grupo fluminense.

Pela Carta de Silva Jardim, de 28 de outubro de 1877, podemos bem observar suas diretrizes de vida:

- a) estudar muito, porém com método, sem prejuízo da saúde;
- b) dormir o necessário (para ele 6 horas);
- c) limitar as relações com as famílias de meu conhecimento, de modo a só ser encontrado em dois lugares: em casa e nas aulas;
- d) seguir em tudo seus conselhos sobre a direção de minha vida, pondo de parte qualquer opinião de falsos amigos;
- e) ser o mais modesto possível;
- f) e finalmente não aparecer em público senão em determinadas ocasiões e sempre com um fim nobre e elevado”⁹.

Com isto podemos mais uma vez salientar que Silva Jardim, o pequenino e magro homem de estatura diminuta, era realmente um indivíduo de singular organização, de metas rígidas, enérgicas e revolucionárias, sempre disposto a enfrentar perigos, extremamente responsável, afastando os egoístas, os incompetentes e os irresponsáveis, repudiando a mentira, enfim, homem de sólidos princípios morais, resguardando-se de todos os excessos, uma vez que não admitia vícios, nem sequer mesmo, o hábito de fumar.

(7) *Procellaria* — São Paulo, Novembro 11, 1887.

(8) “O Novo Regimen” — *Diário Popular*, São Paulo, abril 2, 1888, pág. 3.

(9) Cf. LEÃO, José — *Op. cit.* pág. 24.

Sentimos nesta proposição de vida de Silva Jardim uma influência muito próxima do pensamento de Hippolyte Taine, que é um modelo de probidade e lógica segura, embora tendencioso, o que não deixou de ser perigoso, sobretudo à sistematização e à abstração. Porém, em compensação, o estilo de ambos é o mais concreto possível, riquíssimo, vigoroso e cheio de imagens, refletindo bem a influência da raça, do momento histórico e do meio, embora, muitas vezes admitindo a natureza benéfica dos caracteres.

Fazia parte de seus planos, entre outros:

“a) o combate ao parlamentarismo; b) exigia a concentração política e a conseqüente descentralização administrativa; c) a liberdade religiosa, bem como o casamento civil, o registro civil e a secularização dos cemitérios; d) a liberdade da palavra; e) a reforma total do ensino em geral; f) a independência do proletariado; e g) a idéia da indenização”.¹⁰

Embora afirmasse por várias vezes que a sua tarefa era a de um “propagandista político”, deixava sempre claro que não o era de um apóstolo doutrinário (daí a sua grande distância da ortodoxia positivista). Acreditava mesmo que em política dever-se-ia sempre dizer a verdade, mas tal verdade deveria ser dita apenas àqueles que realmente soubessem apreciá-la. Daí sua preocupação, em todas as suas “conferências-meetings”, em orientar a “massa” para a idéia da “coisa pública”, porque, observador como era, conhecia a psicologia das multidões, e acreditava que elas precisavam ser preparadas se se quisesse transmitir-lhes algo.

Isto nos convence de que em Silva Jardim havia uma preocupação muito grande em analisar as condições econômicas de sua geração, passando desta análise à da psicologia social para uma possível explicação de sua ideologia. Com isto não estamos afirmando, naturalmente, que exista certa alma social, ou certo “espírito” popular coletivo que se desenvolva de acordo com leis próprias e que se manifeste na vida social, pois, seria simplesmente um puro misticismo; mas antes uma análise da existência social para determinar as formas de consciências. Devemos, por outro lado, levar em conta, que a História não pode limitar-se à anatomia da sociedade, mas deve apresentar todo o conjunto dos fenômenos, condicionados direta ou indiretamente pela economia social, inclusive o trabalho de imaginação.

Daí acreditarmos que numa história das ideologias, possamos explicar, em grande parte, o surgimento, a modificação e a destruição das associações de idéias sob a influência do surgimento, da modificação e da destruição de determinadas combinações de forças sociais, uma vez que a História é única e indivisível.¹¹

(10) JARDIM, Antonio da Silva — *Memórias e Viagens*, pág. 331.

(11) PLEKHANOV, G. — *A Concepção Materialista da História*. Rio de Janeiro, Vitória, 1963, 2ª ed., pág. 67.

Sentimos em Silva Jardim, de uma forma muito clara quando se refere, às “massas”, a influência de Augustin Saint-Beuve, poeta, crítico literário e historiador francês, que considerava a atividade do indivíduo como independente das suas condições sociais. Observemos, portanto, o que escreveu Saint-Beuve, no artigo dedicado à terceira edição da História da Revolução Francesa, de Mignet:

“A la vue des vastes et profondes émotions populaires qu’il avait a décrire, au spectacle de l’impuissance et du méant où tombent les plus sublimes génies, les vertus les plus saintes, alors que les masses se soulèvent, il s’est pris de pitié pour les individus, n’a vu en eux pris isolément que faiblesse et ne leur a reconnu d’action efficace, que dans leur union avec la multitude”.¹²

Tanto quanto Saint-Beuve, Silva Jardim sabia muito bem que as “decisões súbitas” da vontade do homem não surgem sem razão, mas sim, como resultado dos acontecimentos da vida privada, muitas vezes. O próprio Silva Jardim dizia: “É bom cozinhar as expressões antes de as dizer; e o ato de contrição quanto mais íntimo mais verdadeiro”.¹³

Atualmente não podemos mais considerar a natureza humana como a causa determinante e mais geral do movimento histórico; se ela é constante, não pode explicar o curso variável da História, e se é mutável, é evidente que suas mudanças são condicionadas pelo movimento histórico. Há, portanto, hoje necessidade de se reconhecer que a causa determinante e mais geral do movimento histórico da humanidade é o desenvolvimento das forças produtivas, que condicionam as sucessivas mudanças nas relações sociais do homem. Enfim, a influência das causas particulares é completada pela ação das causas singulares, ou seja, pela ação das particularidades individuais dos homens públicos e por outras “casualidades”, através das quais os acontecimentos adquirem seu aspecto particular.

Assim, o nosso focalizado é grande não porque suas particularidades individuais imprimiram-lhe uma fisionomia individual aos grandes acontecimentos históricos que viveu, mas porque foi dotado de particularidades que o tornaram o indivíduo capaz de servir às grandes necessidades político-sociais de sua época, surgidas sob influências de causas gerais e particulares. Poderíamos, pois, repetindo o historiador inglês Thomas Carlyle em sua conhecida obra sobre os heróis, chamar os grandes homens de “iniciadores” (Beginners), pois, realmente, um grande homem é um verdadeiro iniciador, já que vê mais longe que os outros, ao mesmo tempo que aspira mais ardorosamente que os demais¹⁴. E Silva Jardim nunca deixou de mencionar, quer em suas cartas, quer em seus

(12) Idem, pág. 91.

(13) JARDIM, Antonio da Silva — Memórias e Viagens, pág. 95.

(14) CARLYLE, Thomas — Os Heróis e o Culto dos Heróis, SP, Melhoramentos, s/d, traduzido por Antonio Ruas.

“meetings”, que estaria disposto a “sacrificar sua vida pelo próximo, pela Pátria”. Ao lado destas afirmações observamos nele também um respeito e dedicação muito grande à Família (aliás como não poderia deixar de ser, pela própria influência positivista), e principalmente considerando a mulher como mãe, esposa, irmã e filha, extremamente úteis ao lar pela grandeza do coração e dedicação, que a seu ver excedia mesmo ao dos homens, mas absolutamente prejudiciais fora do mesmo, já pelo seu físico, quanto pelo moral ou mesmo intelectual. Fisicamente julgava-as extremamente delicadas e sujeitas a acidentes que as impediriam de uma pontualidade tão necessária aos serviços do Estado; moralmente, seu patriotismo era mais convencional e submisso do que real, e intelectualmente, embora muito sagazes, não seriam capazes de análises e grandes deduções. Daí estarem elas na total dependência dos homens, que deveriam garantir e orientar seu futuro.¹⁵

Nesse sentido não fugia em absoluto às tendências gerais do século XIX, onde apenas dois caminhos se abriam às mulheres: o matrimônio ou o convento. Isto significa dizer que concordava plenamente com as duas tendências individualistas, de raça e de sexo, que teriam se unido no homem patriarcal, criador ou organizador dos valores mais característicos de nossa diferenciação social ou nacional. As tendências coletivistas, de raça e de sexo, ter-se-iam reunido, com mais força, na mulher-mãe, amante, esposa ou ama, e esta alternativa, do casamento ou do convento, não podia deixar de favorecer o desenvolvimento intensivo da arte de sedução, que a ele não passou, portanto, despercebida...

Quanto à parte educacional, observa que há falhas sensíveis na época, aliás como anteriormente já mencionamos, uma vez que inexistia a educação popular, já que a instrução é puramente literária, notando sempre a ausência de uma formação intermediária no Brasil, aquela que deveria destinar-se a todas as classes e não apenas aos privilegiados, uma vez que observava não haver escolas suficientes que habilitassem os que quisessem se destinar à carreira das artes, do comércio ou da lavoura. Daí o seu batalhar pela liberdade de pensamento e de expressão, para que realmente houvesse um desenvolvimento cultural autêntico, e a sua proposição de utilização, cada vez maior, de comunicação com as massas, de maneira clara, simples e fidedigna, embora afirmasse que o professor deveria ser um “homem enciclopédico”, pois, só desta maneira seria versátil para atender às necessidades de todos que se lhe acercassem. Acreditava Silva Jardim que “tudo pode falhar de um momento para outro, mas não o que se tenha adquirido de coração, de espírito e de caráter: das coisas instáveis é a mais estável”¹⁶

(15) JARDIM, Antonio da Silva — Carta de 6 de outubro de 1885, sobre a educação da irmã, mãe, esposa, filhos, se o pai viesse a morrer. Apud LEÃO, José — op. cit. páginas 130/131.

(16) JARDIM, Antonio da Silva — Carta de 20 de outubro de 1885. Apud LEÃO, José — op. cit. pág. 143.

Observamos que Silva Jardim não exagerava nossa realidade pelos depoimentos da época, coletados na imprensa, apontando-nos as falhas de nossa vida material e cultural. Senão vejamos:

“Se há um país com pretensões a civilizado em que os mais vitais problemas estejam exigindo uma urgente solução de acordo com as tendências progressistas da época, se se pode conceber um país novo, em que já se acentue mais francamente a inépcia e a falta de patriotismo de seus diretores e a desastrada insuficiência de suas leis, esse país é, por certo, o Brasil.

...As suas forças produtoras são criminosamente esbanjadas por uma casta de privilegiados ociosos e pela incapacidade administrativa de seus homens políticos, e enquanto uma dívida enorme sempre crescente, complicando-se com o assustador decréscimo das rendas públicas, ameaça os futuros destinos da nação, esta vê afastar-se de suas ubérrimas terras incultas a moralizadora corrente imigratória.

... A instrução pública, derramada com alguma abundância pelas escolas superiores, onde só se habilita apenas uma diminuta parcela da nação, torna-se irrisória e ridícula nas escolas primárias, tanto pela carência destas como pela insuficiência prática das disciplinas nelas administradas...”¹⁷

Outro interessante testemunho, com relação à educação e caráter do brasileiro da época aludida, nos é dado por Aquino Fonseca, quando nos escreve:

“Muitos há que têm caráter e ficam inativos, outros que o não possuem, mas têm talento e são passivos. Daí a fórmula quase invariável, que a educação monárquica estabeleceu para seus gozos e abastanças: — o brasileiro quando tem caráter é um indiferente, quando tem talento não possui nem vislumbres de caráter.

Contra ela, porém, — digamos para a honra da América, reagimos nós, os republicanos coevos, que guardamos, em arca santa, as preciosas tradições dos nossos maiores, daqueles mesmos cujas normas de patriotismo, abnegação e sacrifício da própria individualidade são o protesto eloqüente contra as influências de raça, e outras tantas causas, apregoadas pelos corrompidos e pelos corruptores.

Certamente que a mesologia de um povo se modifica; e há dois fatores de primeira ordem: a instrução e o exemplo.

A instrução, esta o imperialismo monopolizou, ou sujeitou a um estalão, que mede mais as suas conveniências do que a grandeza e prosperidade da pátria. E o exemplo? Demo-lo nós, os republicanos. Vejamos as suas individualidades, e comecemos por aquela que se acha ainda afastada de nós”.¹⁸

Ainda, para aquilatar-se do descaso em que se encontrava a educação no Brasil, anotamos:

(17) “O Nosso Estado”. *Revista Federal*, Rio de Janeiro, ano I, nº 3, Agosto 10, 1886, pág. 1.

(18) *Revista Federal*, nº 6, Outubro 31. Rio de Janeiro, ano I, 1886, pág. 6.

“... Na terra de cegos, quem tem um olho é rei; — o Sr. D. Pedro II quer cegar os brasileiros para mais livremente governar !

Não há negá-lo; de ano em ano, de dia em dia, vai decaindo o caráter brasileiro que elevou-se a uma altura de Tiradentes e ainda de José Bonifácio, é verdade, mas que, de então para nossos dias desce com uma vertiginosa carreira, que fatalmente o levará à meta da degradação, a qual já não está longe.”¹⁹

Não nos é difícil, pois, afirmar que Silva Jardim foi um grande brasileiro, com oposição continuada às instituições e pessoas, às doutrinas e convicções do seu tempo, com sinceridade, sempre acompanhada da honestidade mais acrisolada no que dizia, grande polemista, com obra diversificada e razoavelmente ampla, mas de temas centrais admiravelmente idealistas.

É difícil apresentar um gênio desse porte, sem que alguns críticos procurem vê-lo por um prisma parcial, que não merece. Seus escritos, se são fontes para estudos doutrinários, não são definições doutrinárias; foi antes um observador e crítico, sempre com grande objetividade, verdadeiro demolidor de erros contra os quais se atirou implacavelmente, já que não admitia obstinações equívocas e opunha-se às mesmas com grande calor, certo da pureza da causa que defendia. Sua inteligência vibrátil, sua percepção imediata tê-lo-iam predisposto a um papel dos mais agigantados, se a vida lhe houvesse permitido.

Sua vocação política e social foi sempre muito clara, não apenas nas lides acadêmicas entre os partidos internos da Faculdade de Direito de São Paulo, mas também representando as lutas partidárias da própria política.²⁰ O que há de menos interessante nessas pugnas é exatamente o feitio partidário, onde as idéias submergem ao sabor da paixão política, pois não se faz doutrina. Os grandes ideais da humanidade hoje servem os partidos e não há, geralmente, movimento de idéias puramente por amor à verdade, e, sim, pelo triunfo do partido a cujo

(19) “Causas e Efeitos” — *O Combate*, Rio de Janeiro, Ano I, nº 6, Abril 17, 1880, pág. 3.

(20) Silva Jardim pertenceu, em seus tempos de Academia, à “bucha”, e, entre esta e a Maçonaria, serviu ele como elemento de ligação, juntamente com Teófilo Dias. O “bucheiro” Rangel Pestana, elogia-o vastamente. Posteriormente, romperia não só com a “bucha”, como também com Teófilo Dias. No entanto, não concordamos com as afirmações de Gustavo Barroso, em sua *História Secreta do Brasil*, quando nos diz ter Silva Jardim sido mantido nos cursos preparatórios à Faculdade de Direito de São Paulo, e mesmo no seu curso de bacharel pela “bucha”. Sabemos que Silva Jardim trabalhava para manter-se, seja como professor, seja como revisor e redator do jornal “A Tribuna Liberal”, de São Paulo, órgão do Partido Liberal, convidado que fora por Inglês de Souza. Jamais aproveitou-se ele, de qualquer posição alcançada com sua brilhante inteligência, para tirar partido econômico desta situação. Mesmo anos mais tarde, quando transfere residência para a cidade de Santos a fim de ali iniciar verdadeiramente sua campanha propagandista, colocou, por estar sem recursos econômicos, seus bens em leilão. (“A Província de São Paulo”, São Paulo, nº 3328, ano XII, Maio 19, 1886, pág. 3).

serviço foram postas, esfarrapadas, as mais belas idéias e os mais ardentes esforços, sem que isto nada fira o idealismo de cada um, tão apreciável, muitas vezes.

Quando Silva Jardim pensava, era de uma lucidez completa intensa, impetuoso e eloqüente no falar, panfletário por excelência, publicista de estilo vertiginoso, na estrutura de seu pensamento um curioso, um farejador, onde não via apenas por ver, mas para procurar a verdade, preocupando-se com assuntos graves, profundos, de ordem religiosa, política, filosófica, social, não sendo, porém, nem teólogo, nem doutrinador político, nem filósofo ou sociólogo.

Suas polêmicas não eram mordazes, pois não as fazia por maldade e, sim, por amor à verdade. Esse aspecto polemista de Silva Jardim podemos concluí-lo na conta da sua formação eminentemente francesa. A polêmica é quase um hábito intelectual francês, e só pode sustentar polêmica quem está realmente convencido do que defende, quem tem cultura suficiente para fazê-lo e a necessária ponderação, espírito, e mesmo independência. E ele tinha das suas convicções, sólida base doutrinária e histórica que lhe permitiam arguir e afirmar com confiança. Era corajoso e ia até a temeridade, não receando as conseqüências, como nos provam seus escritos.

As páginas escritas por Silva Jardim são modelares no gênero da polêmica. Cultura, vernáculo, verve, tudo ali é de primeira, mostrando-se sempre um titã invencível. Seus argumentos científicos revelavam nele um leitor assíduo das coisas da ciência, perfeitamente a par das últimas hipóteses e das últimas conquistas. A justiça era a sua "qualité maitresse".

O patriotismo de Silva Jardim era feito de convicção e ciência, e a isso juntava um ardente sincero amor à verdade, já que toda sua filosofia é a do vigor, honestidade e senso comum, desprezando todos os ideais dos que, não podendo agir no momento, puseram seus ideais acima do tempo e deixaram teorias e postulados de que outros, com trabalhos sucessivos, tiraram protestos admiráveis para os práticos. De nossa política, nada escapou, pois, ao seu olhar clínico...

Mas a hora da morte é incerta: entre a eternidade e o tempo, há algo de indeterminado de que só temos uma idéia pela contagem do que antecede e do que fica atrás das nossas ações. É a inflexível lógica do tempo, que não nos dá acordo de nós, parecendo sempre que nos encontramos dentro da eternidade.

Sua morte ocorrida nas lavas do Vesúvio, a 19 de julho de 1891, prova-nos mais uma vez sua audácia e curiosidade frente as coisas que o cercavam, tudo querendo analisar para melhor compreender. Não foi um suicídio como alguns maldosos, ou menos esclarecidos de sua

campanha ousaram lançar, sobre sua morte prematura, ligando à desilusão que sofrera e que o levou a emigrar de sua pátria.

Para reforçar a tese do acidente de sua morte, lê-se na correspondência consular, que Silva Jardim aproximou-se demasiadamente das fendas da cratera e por elas foi tragado.

Embora não nos tenha sido possível localizar o processo aberto na época da morte de Silva Jardim, contra o guia — Domenico Casciello — que o acompanhava, para podermos, com documentação, afirmar o acidente de seu falecimento, temos em nossas mãos uma carta do atual Consul Brasileiro em Nápoles, que após haver realizado minuciosa investigação nos Arquivos Judiciários Napolitanos, bem como no Arquivo do Consulado, praticamente destruídos durante a II Guerra Mundial, tornando-, pois, impossível a localização do referido processo, pelo noticiário da imprensa da época (européia e brasileira), pelos depoimentos de seus contemporâneos, temos a certeza de que um homem da têmpera de Silva Jardim, do valor de sua criatividade, da honestidade de sua conduta, jamais se deixaria levar por uma obstinação suicida.

Confirmando nossa afirmação, de que não fora sua morte um suicídio, poderíamos ainda mencionar opiniões de alguns contemporâneos seus, como, por exemplo, a de Fernando Martins Bonilha Junior, que, em 1895 escrevia:

“... Para nós, porém, tal convicção é inaceitável, pois que, por mais de uma vez nos disse o ilustre brasileiro que, se um dia fosse à Europa, não deixaria de visitar Nápoles, e que de preferência a tudo, iria observar de perto o Vesúvio, a fim de admirar as suas belezas, que eram tantas e notáveis que chamaram a atenção do notável historiador Plínio, o Velho. Foi, portanto, a fatalidade dessa idéia há muito assente, que nos arrebatou o grande patriota”.²¹

Igualmente nos afirma não ter sido suicídio sua morte, Pinheiro Chagas, escritor português, que também relata o episódio, e mostrando ter sido mesmo acidente.²² O mesmo nos diz José Leão:

“Não foi um suicídio como se ouve dizer a cada passo. Silva Jardim não conheceu a descrença, que só acomete os fracos, nem enveredou jamais pela demência, que ocasiona a morte aos sem ventura”.²³

(21) BONILHA JÚNIOR, Fernando Martins — *Fonologia Portuguesa. Precedida dos Traços Biográficos do Dr. Antonio da Silva Jardim*, São Paulo, Tipo-Litografia Ribeiro, 1895.

(22) *O Século*, Rio de Janeiro, julho 10, 1891, In Artigos de Imprensa, páginas 453 e seguintes.

(23) LEÃO, José — op. cit. páginas 288/289

campanha ousaram lançar, sobre sua morte prematura, ligando à desilusão que sofrera e que o levou a emigrar de sua pátria.

Para reforçar a tese do acidente de sua morte, lê-se na correspondência consular, que Silva Jardim aproximou-se demasiadamente das fendas da cratera e por elas foi tragado.

Embora não nos tenha sido possível localizar o processo aberto na época da morte de Silva Jardim, contra o guia — Domenico Casciello — que o acompanhava, para podermos, com documentação, afirmar o acidente de seu falecimento, temos em nossas mãos uma carta do atual Consul Brasileiro em Nápoles, que após haver realizado minuciosa investigação nos Arquivos Judiciários Napolitanos, bem como no Arquivo do Consulado, praticamente destruídos durante a II Guerra Mundial, tornando-, pois, impossível a localização do referido processo, pelo noticiário da imprensa da época (européia e brasileira), pelos depoimentos de seus contemporâneos, temos a certeza de que um homem da têmpera de Silva Jardim, do valor de sua criatividade, da honestidade de sua conduta, jamais se deixaria levar por uma obstinação suicida.

Confirmando nossa afirmação, de que não fora sua morte um suicídio, poderíamos ainda mencionar opiniões de alguns contemporâneos seus, como, por exemplo, a de Fernando Martins Bonilha Junior, que, em 1895 escrevia:

“... Para nós, porém, tal convicção é inaceitável, pois que, por mais de uma vez nos disse o ilustre brasileiro que, se um dia fosse à Europa, não deixaria de visitar Nápoles, e que de preferência a tudo, iria observar de perto o Vesúvio, a fim de admirar as suas belezas, que eram tantas e notáveis que chamaram a atenção do notável historiador Plínio, o Velho. Foi, portanto, a fatalidade dessa idéia há muito assente, que nos arrebatou o grande patriota”.²¹

Igualmente nos afirma não ter sido suicídio sua morte, Pinheiro Chagas, escritor português, que também relata o episódio, e mostrando ter sido mesmo acidente.²² O mesmo nos diz José Leão:

“Não foi um suicídio como se ouve dizer a cada passo. Silva Jardim não conheceu a descrença, que só acomete os fracos, nem enveredou jamais pela demência, que ocasiona a morte aos sem ventura”.²³

(21) BONILHA JÚNIOR, Fernando Martins — *Fonologia Portuguesa. Precedida dos Traços Biográficos do Dr. Antonio da Silva Jardim*, São Paulo, Tipo-Litografia Ribeiro, 1895.

(22) *O Século*, Rio de Janeiro, julho 10, 1891, In Artigos de Imprensa, páginas 453 e seguintes.

(23) LEÃO, José — op. cit. páginas 288/289

Por outro lado, se quiséssemos considerar um dos princípios mais ousados da doutrina freudiana, segundo o qual a morte acidental não passa de um suicídio inconsciente, talvez nos deixássemos levar para a explicação do fim trágico desse jovem tribuno republicano. Mas, se relembrarmos a persistência ainda do espírito romântico brasileiro de fins de século XIX, completado pelo desejo de aventura de todos aqueles que iam a Nápoles, com o intuito de escalar o Vesúvio, para depois, regressando ao país, contar aos amigos sua façanha, podemos confirmar nossa afirmação, reforçando-a com depoimentos expressivos, coletados na revista "Guanabara", descrevendo uma ascensão ao Vesúvio:

"... Chegamos a um lugar — dizia ele — onde a lava estava vermelha e queimava a ponta dos nossos bordões, quando nela se esfregava, e fomos para o lado do vento, que era o da parte de Nápoles e era o da espera do dia. O ar, ainda que finíssimo e frio, era temperado pelo calor do sol, mas logo que o vento cedia, tanto o fétido como o calor, tornavam-se insuportáveis; e ainda tenho aqui o lenço que lá me serviu, que parece ter sido mergulhado num banho sulfúreo. Depois de longa espera começamos a ver por trás do turbilhão de fumo a luz aparecer e tão felizes fomos que estava o céu puríssimo. Ávidos como estávamos da contemplação de um espetáculo tão singular, começamos logo a margear a cratera e a ver aquele funil imenso, cujo aspecto não se pode descrever. Por ignorância comecei a descer pela cratera e tinha já feito uns setenta passos, quando ouvi o guia bradar-me para que voltasse, pois estava em perigo de vida; voltei logo como um menino e só depois é que sabe do perigo que correrá".²⁴

Como se não bastasse tal depoimento, lembramo-nos de outro, descrito pelo Visconde Nogueira da Gama, onde nos mostra os apuros pelos quais passou quando de sua excursão à Itália, em 1855, quando nos revela: "Tínhamos ouvido dizer que ir a Nápoles e não subir ao Vesúvio, era o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa"²⁵. E para não cometer essa falha, nos diz da sua imprudência, quando, viajando com um amigo, Amaral Vergueiro, que, juntamente com a esposa em estado de gravidez, os acompanhou a esse temeroso e desejado passeio. Tudo corria bem até a base da montanha, quando a pé, ou puxados por cordas, ou empurrados pelos "lazzaroni", iam através das lavas amontoadas, obstruindo o único meio de acesso. Em decorrência da insistência do guia para que percorressem o cume da montanha, lá se foram eles, quando, o vento, mudando sua direção, atirou-lhes uma coluna de fumo carregada de enxofre. Apavorados, correram, enquanto que a mulher do Visconde quase desfalecia. Praticamente quase asfixiados, conseguiram salvar-se, galgando uma pequena elevação, quando, então, puderam retornar, tossindo e vomitando enxofre. Ao contemplar a esposa, Nogueira da Gama ouviu dela o seguinte comentário: "Pois eu, apesar de tudo, não estou arrependida".

(24) Revista Guanabara, Duas Cartas de Araújo Porto Alegre a Evaristo da Veiga, datadas de Nápoles, Rio de Janeiro, 1835, 1850.

(25) GAMA, Visconde Nogueira da — *Minhas Memórias*, Magalhães, RJ, 1893.

Por aí, realmente se observa o que anteriormente mencionamos: esse passeio era praticamente obrigatório aos turistas dessa época romântica...

E por que não acreditar então que Silva Jardim, quando chegara a Nápolis em 1891, sentiu despertar esse mesmo espírito? Desprendido como era, empreendedor como sempre se mostrou, quis ele, naturalmente, enfrentar aqueles riscos de que tanto ouvira falar. E, pelas informações de Francisco Cunha,²⁶ observa-se que Silva Jardim, ao aproximar-se do Vesúvio, expandia-se com grande eloquência e entusiasmo, recordando Plínio, o Velho, rindo-se das advertências do guia, para, logo em seguida, desaparecer...

Na Revista Ilustrada, encontramos igualmente, uma das mais calorosas justificações e sentimentos pelo seu passamento:

“...E longe da pátria, na lendária Itália, foi morrer com a alma dilacerada pelos grandes sofrimentos, asfixiado pelas evaporações sulfurosas do Vesúvio. A sua morte foi como a dos grandes pássaros feridos em pleno coração — rápida. O prêmio da morte é, às vezes, mais sincero que o dos homens”.²⁷

Foi, de fato, por largo tempo que a imprensa toda do país lamentou o desaparecimento de tão vigoroso espírito, sendo que a discussão sobre seu trágico passamento, atingiu, sobremaneira, as camadas populares. E em favor da família desse inditoso e intemerato republicano, inúmeras subscrições correram no país, após sua morte.

Representou ele um desses padrões de patriotismo que devem ser objeto de consagração e estudo das gerações. Sim, gênio da liberdade é o que ele foi. Bateu-se desde a adolescência até a morte pela Liberdade, por essa liberdade que é justiça !

Que o seu nome seja efetivamente o símbolo da República e o elo de união entre todos quantos amem sinceramente a República e querem vê-la forte, engrandecida e gloriosa.

(26) CUNHA, Francisco — Propaganda contra o Império! Reminiscências, na Imprensa e na Diplomacia 1870-1910. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1914, pág. 865.

(27) Revista Ilustrada, Rio de Janeiro, nº 625, julho 1891, pág. 2.